

A ONDA DE GREVES EM BUENOS AIRES, 1917-1921

Flutuações econômicas e mobilização operária

Fernando Sarti Ferreira
Universidade de São Paulo

Economia, guerra e indústria

A cessão do fluxo de capitais destinados à Argentina em 1913 já havia iniciado uma recessão que, com o início da Primeira Guerra Mundial e a interrupção do comércio internacional, adveio em depressão. As exportações – principalmente de cereais – tem relação direta com o desempenho da economia argentina no período. Em 1914 o PIB argentino retraiu-se em 10,36%, sendo o ano de 1915 de estagnação, seguido de novas quedas em 1916 e 1917 – de 2,8% e 8,10%, respectivamente –, voltando a crescer 18,33% em 1918 em decorrência do restabelecimento do comércio internacional e do fluxo de capitais, acompanhados do crescimento dos preços agrícolas, fruto da desorganização econômica da Europa¹.

Em relação à indústria argentina, concentrada principalmente na região da cidade de Buenos Aires, os reflexos da depressão seguida da recessão decorrente da guerra foram claros: o PIB industrial, em seu pior ano, 1915, retraiu-se a níveis anteriores aos de 1910, somente superando o ano de 1913 em 1919. Acompanhando o movimento da indústria durante o período de guerra, o investimento interno em equipamentos de produção atingiu níveis inferiores aos de 1905 no ano de 1918, alcançado o patamar de 1913 somente em 1922. Mesmo assim, a indústria argentina, apesar da depressão geral da economia e da dificuldade de importar seus principais insumos (como maquinaria, combustível e algumas matérias primas), sofreu bem menos que a agropecuária com a guerra e também começou a esboçar uma recuperação a partir de 1918².

Ainda sobre o impacto da guerra na indústria argentina, podemos afirmar que se o conflito não desencadeou um significativo processo de substituição de importações, este promoveu um processo de concentração e centralização de capitais consolidando os grandes grupos empresariais que vinham se desenvolvendo desde o início do século

¹ Ver gráficos I e II.

² Para o PIB setorial, ver gráfico III. Para a importação a importação de bens de capitais, ver tabela 1.

XX. As dificuldades para a produção geradas pela falta de matérias primas e combustíveis teriam sufocado as pequenas empresas e beneficiado as grandes que, além conseguirem contornar a crise, puderam aproveitar-se dos altos preços que a falta de competição de produtos importados havia promovido³.

A reversão da depressão no setor industrial foi impulsionada pelo incremento da produção nas grandes indústrias já consolidadas antes do conflito e o maior crescimento do PIB do setor manufatureiro no período de 1914 a 1921 – 19% em 1918 – ocorreu justamente no ano dos menores investimentos em bens de capital industrial⁴ que, por sua vez, estão diretamente ligados a capacidade de importar bens de capital em decorrência das divisas geradas pelo setor agroexportador. O crescimento da produção industrial, ao não corresponder à um incremento da porção fixa de capital, nem à criação de novas unidades produtivas, esteve, portanto, necessariamente vinculado à uma maior incorporação de força de trabalho à produção.

Crise e recuperação da indústria

A crise provocou um aumento significativo do desemprego no país, especialmente em Buenos Aires. Os dados são um pouco dispersos, porém é notável como a preocupação sobre o tema refletiu em diversos setores da sociedade argentina. Os cálculos realizados na época por Alejandro Bunge e baseados nos dados do censo de 1914 apontam que a desocupação, que em agosto de 1913 chegava a 6,7% da população economicamente ativa, alcançou 19,20% em 1917⁵.

Depois de atingir o ponto mínimo em agosto de 1917, o grande aumento da ocupação operária já a partir de fevereiro de 1918 – segundo o estudo de Bunge, em março de 1918 a porcentagem de desemprego da população economicamente ativa havia regredido para 11% - nos indica que a recuperação da produção industrial se utilizou da reincorporação de trabalhadores desempregados à produção, já que os fluxos imigratórios haviam praticamente cessado durante o conflito – entre 1914 e 1918 o

³ O fenômeno foi observado tanto por contemporâneos como CHALKLEY (1919), BREWESTER SMITH e COLLINGS (1920), BUNGE (1921), como por distintos historiadores, DORFMAN (1986/1942), pp. 337-339, DI TELLA e ZYMELMAN (1973), pp. 141-146 e ROCCHI (2006), pp. 103-116.

⁴ Para relação entre os investimentos internos em equipamentos e o PIB industrial, ver gráfico IV.

⁵ BUNGE (1918), pg. 84. Ver também os dados coletados pelo *Departamento Nacional del Trabajo* para a cidade de Buenos Aires no gráfico V.

saldo migratório aponta para a saída do país de quase 210 mil pessoas⁶ - e, como visto anteriormente, os investimentos em bens de capital atingiam o pior desempenho do período.

Em quais condições se deu essa incorporação? A chamada *carestia de la vida* é outro tema recorrente nos debates políticos, na imprensa, tanto comercial quanto operária, e também entre os especialistas da época. Novamente, Alejandro Bunge nos fornece um detalhado estudo⁷ sobre os preços dos principais gastos da classe trabalhadora argentina. O principal aumento no período foi o dos produtos classificados por Bunge como “Vestidos e outros”, que em 1918 chegaram a custar 300% a mais que em 1910. Os alimentos tiveram um crescimento sustentado entre 1914 e 1919, chegando a ficar 60% mais caros no último ano do que estavam em 1910. O preço das peças bovinas, que em 1914 estava por volta de 35% mais caro que em 1910, chegou a aumentar 93% em 1919 em relação a 1910. O pão, o açúcar e o tabaco, em 1919, custava o dobro que em 1910; café, lenha para cozinhar, chá, batata, farinha de trigo, gordura animal tiveram aumentos superiores aos 30% no período⁸. O aluguel, que durante o conflito chegou a ficar 10% mais barato que em 1910, a partir de 1918 disparou, chegando em 1919 a ficar 52% mais caro que em relação à data-base. O índice de preços ao consumidor (IPC) saltou no ano de 1918, chegando ao máximo do período em 1920⁹.

Em relação aos salários reais dos trabalhadores industriais no período¹⁰, entre o início da Guerra e o ano de 1918, houve uma redução de quase 40% de seu valor. A partir de 1919 iniciou-se uma recuperação que em 1921 já colocava os salários reais da indústria em um patamar acima do de 1914.

No ano de 1918 encontramos um panorama explosivo: por um lado, a redução substantiva da compra de bens de capital, o aumento do índice de preços ao consumidor, a compressão do mercado de trabalho com a suspensão da imigração e a redução dos salários; por outro, a diminuição do desemprego e o crescimento da produção industrial.

⁶ BUNGE (1919), pp. 42-45 e *Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires, 1915-1923* (1925), pg. 11-16.

⁷ BUNGE (1922), pp. 363-364.

⁸ BUNGE, FERRARI e VALLE (1920), pp. 253-260.

⁹ Para a performance do índice de preços ao consumidor no período, ver tabela 2.

¹⁰ Para o desempenho do salário industrial real no período, ver tabela 3.

A onda de greves

Uma simples observação da expressão gráfica dos dados coletados pelo *Departamento Nacional del Trabajo*¹¹ sobre a mobilização operária entre 1907 e 1939 evidencia a importância dos conflitos ao fim da década de 1910 e começo de 1920 em termos de números de greves, de grevistas e quantidade de jornadas de trabalho perdidas. Depois de um pico do número de jornadas perdidas e de greves em 1910, mas com uma participação de trabalhadores já declinante se comparado a 1907, as três variáveis retraem-se e voltam a crescer atingindo proporções inéditas entre os anos de 1917 e 1921.

Entre 1916 e 1917 o crescimento da participação de trabalhadores é notável – de 24.321 para 136.062 grevistas. As greves de 1917 vão ser marcantes também pela intensidade: ao redor de 15.219 jornadas perdidas e 985 grevistas por greve, a maior participação de trabalhadores por greve do período que vai de 1907 a 1922 e a segunda maior perda de jornadas, ficando atrás apenas do ano de 1920. O pico, em número de greves e grevistas, ocorre em 1919 com uma notável retração no ano de 1922.

Ao aumento de greves, grevistas e de jornadas perdidas devemos agregar outro dado para nossa análise: o crescimento da organização dos trabalhadores. O aumento das greves foi acompanhado por um crescimento substancial da filiação de trabalhadores, tanto à FORA IX^a (Sindicalista Revolucionária e principal organização do período) quanto à FORA V^o (Anarquista) e aos sindicatos independentes¹². Em relação à organização Sindicalista Revolucionária, podemos observar seu crescimento também pelo número de sindicatos e delegados participantes de seus Congressos durante o período. Se em seu IX^o Congresso realizado em 1915 estiveram presentes 94 delegados representando 66 sindicatos, em sua esmagadora maioria da Capital Federal, em seu X^o Congresso realizado em 1918 estiveram presentes 153 delegados representando 115 sindicatos e no XI^o Congresso em 1921 concorreram 214 delegados representando 203 sindicatos, em sua grande maioria do interior do país¹³.

Mobilização e organização estão tão intimamente ligadas que ao declínio dos movimentos grevistas depois da guerra corresponde ao declínio da organização operária: a FORA IX^a, que em 1920 contava com um total de 749.519 cotistas anuais

¹¹ Ver gráficos VI A, VI B e VI C.

¹² Para os dados relativos ao crescimento dos sindicatos, ver tabelas 4.A, 4.B e 4.C.

¹³ Para os números relativos aos delegados e sindicatos nos Congressos da FORA IX^a, ver gráficos VII A e VII B.

(média mensal de 68.138), entre março e dezembro de 1921 totaliza 644.999 cotistas anuais (média mensal de 53.570). Já em 1922, ano de sua dissolução e da formação de um novo organismo central, a *Unión Sindical Argentina*, entre janeiro e março o número de cotistas chegou a somente 125.383, com uma média mensal de 41.794.

Em suma, ao fim da Primeira Guerra Mundial, Buenos Aires foi atingida por uma onda de greves que começou a se propagar em 1917, atingiu seu ápice em 1919 - ano da greve geral conhecida como “Semana Trágica” e que varreu a capital e chegou a diversas regiões no interior do país -, declinou suavemente nos dois próximos anos e se interrompeu bruscamente, atingindo um dos níveis mais baixos do período de 1907-1939 no ano de 1922, tendo como último ato a fracassada greve geral de junho de 1921. Neste sentido, propomos uma periodização para analisar a onda de greves dividindo-a em dois momentos: o primeiro momento vai de março de 1917 a janeiro de 1919 e o segundo entre janeiro de 1919 e junho de 1921.

De março de 1917 a janeiro de 1919: a ascensão do movimento grevista

O ano de 1917 pode ser entendido como o de início da onda de greves uma vez que, depois de um período de refluxo das mobilizações operárias em decorrência da repressão desencadeada após os tumultuosos anos de 1909 e 1910, eclodem em Buenos Aires 138 greves com a participação de mais de 135 mil trabalhadores. Em 1918, apesar de uma pequena redução do número de trabalhadores envolvidos – cerca de 133 mil -, o número de greves aumentou chegando ao seu ápice em 1919 quando mais de 308 mil trabalhadores participaram de 367 greves, incluída neste levantamento a greve geral de janeiro daquele ano que segundo o DNT teve a adesão cerca de 150 mil trabalhadores.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o fato de o início das mobilizações ter ocorrido justamente quando a Argentina atravessava o ápice de uma crise econômica cuja “(...) intensidade [foi] comparável à crise de 1929”. Porém, no último trimestre de 1917, “o país já havia passado pela pior parte de sua depressão e se achava definitivamente em uma fase de recuperação (...)” como consequência dos melhores preços dos produtos agrícolas e pecuários¹⁴.

Ao nos debruçarmos sobre a estatística setorial das greves, podemos compreender melhor a explosão das greves em 1917. Dos 136.062 trabalhadores que

¹⁴ DI TELLA e ZYMELMAN (1973), pp. 156-157.

tomaram parte nas 138 greves daquele ano, 100.284 eram trabalhadores do ramo classificado pelo DNT como *transportes* e foram responsáveis por 27 greves.

A amplitude da categoria *transportes* traz uma série de problemas para pensarmos a mobilização dos trabalhadores no período. Esta engloba três categorias muito *distintas* do ponto de vista político, em relação à qualificação de seus trabalhadores, etc., como os ferroviários – majoritariamente qualificados, espalhados pelos mais de 30 mil quilômetros de ferrovias do país, cujo sindicato era o mais tradicional do país e tinha influência direta do Partido Socialista -, os marítimos – muito mais heterogêneos no que diz respeito à qualificação, concentrados em Buenos Aires, muito combativos e recentemente organizados sob a liderança dos Sindicalistas Revolucionários – e, por fim, os carregadores – trabalhadores braçais e cujas organizações eram tradicionalmente dominadas pelos anarquistas.

Apesar disso, é verdade também que estas são as categorias mais sensíveis ao desempenho econômico do país, visto que os ciclos econômicos se traduzem imediatamente no aumento ou diminuição de horas de trabalho, salários e emprego para estes trabalhadores. Do ponto de vista tático, além de possuírem uma importância política fundamental por serem ligados à atividade econômica mais dinâmica do país – a exportação agropecuária -, estes contavam com os ciclos agrários como vantagem para se posicionar frente aos patrões.

Foi o que ocorreu na greve dos pilotos de rebocadores em novembro de 1916 e que Edgardo Bilsky e David Rock apontam como um dos antecedentes da onda de greves que assolou o país a partir de 1917¹⁵. A greve, que reivindicava melhores salários, foi declarada na primeira semana dos embarques da colheita, impedindo que os grandes navios transatlânticos pudessem entrar nos portos. Vitoriosa, a mobilização teve como novidade a inédita intermediação do presidente Hipólito Yrigoyen em favor dos trabalhadores. Em março de 1917, um novo movimento no porto, novamente mediado pelo governo argentino, terminou em uma significativa vitória para os trabalhadores, agora relativa à organização: a *Federación Obrera Marítima* (FOM) nomearia os trabalhadores que formariam as tripulações dos barcos.

Em junho de 1917, se iniciaram as greves parciais de ferroviários que em setembro se transformaram em greve geral, englobando também os telegrafistas e os

¹⁵BILSKY (1984), pp. 33 e 34 e ROCK (1977), pp. 142-143.

trabalhadores das oficinas mecânicas reunidos na recém criada FOF – *Federación Obrera Ferroviaria*, de orientação Sindicalista Revolucionária e filiada à FORA IX^a.

O crescimento da FOF e a sua aproximação do tradicional sindicato dos ferroviários, *La Fraternidad*, durante todo ano possibilitou que em 22 de setembro, fosse declarada a greve geral que paralisou o sistema ferroviário do país por três semanas. A ameaça do governo de intervir militarmente terminou por empurrar a FOM para a greve e obrigou o Yrigoyen a negociar com os ferroviários¹⁶. A partir do início de 1918 as mobilizações se espalharam por todos os setores da classe trabalhadora¹⁷.

A liderança dos trabalhadores do ramo de transportes durante o início da onda de greves e o subsequente espraiamento da mobilização para outros setores ficam patentes também caso observemos a participação dos delegados e sindicatos nos Congressos da FORA IX^a. Se em 1915 os sindicatos ligados ao ramo dos transportes representavam cerca de 31% dos sindicatos e 34% dos delegados, em 1918, após o início da onda de greves, estes representavam 62% e 60% respectivamente. Já no Congresso de janeiro de 1921, os sindicatos ligados ao ramo de transportes diminuíram sua representação em detrimento dos sindicatos ligados às atividades comerciais e produtivas para 42% dos sindicatos e delegados¹⁸.

Outra característica que devemos ressaltar deste primeiro período é a predominância de mobilizações que se pautavam por reivindicações salariais, reação clara ao contexto de forte arrocho salarial aliado ao aumento de preços e a retomada do crescimento econômico ao fim de 1917. Das 701 greves declaradas no período de 1917 à 1919, 53% foram por questões salariais. Além disso, podemos afirmar que foram mobilizações exitosas já que cerca de 56% das greves e 38% dos trabalhadores envolvidos tiveram suas reivindicações totalmente ou parcialmente atendidas. Informações que relacionem mais detalhadamente os dados sobre a quantidade de operários com resultado favorável ou contrário às suas mobilizações e os motivos destas - e que poderiam precisar melhor a porcentagem de trabalhadores que se envolveram em conflitos salariais e tiveram êxito- aparecem unicamente na *Cronica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo* de abril de 1920. Nesta edição, são apresentados dados relativos às greves do ano de 1919 e o número de trabalhadores cujas greves tiveram resultados positivos ou negativos segundo suas reivindicações. Com certeza

¹⁶ ROCK (1997/1977), pp. 155-160 e BILSKY (1984), op. Cit., pg. 34.

¹⁷ Ver tabela 5.

¹⁸ Ver gráficos VIII A e VIII B.

trata-se de um ano atípico devido a greve geral. Porém, as informações parecem referendar nossa afirmação: cerca de 71% dos grevistas que reivindicaram melhoras salariais naquele ano foram de alguma maneira contemplados.

Por fim, devemos complementar nossa análise destacando os quatro motivos que acreditamos terem possibilitado a ascensão e o êxito das mobilizações operárias entre 1917 e 1919. Em primeiro lugar, a retomada do crescimento e a diminuição abrupta do exército de reserva argentino colocaram os trabalhadores em uma situação de relativa vantagem em relação aos seus patrões. Em segundo lugar, devemos salientar o processo de reorganização do movimento operário ocorrido após a derrota das jornadas de 1909 e 1910 sob a liderança dos Sindicalistas Revolucionários e cuja estratégia passava pela declaração da neutralidade partidária ou doutrinária a fim de apaziguar as disputas intestinas e pela mudança nas táticas e estratégias de mobilização que não levassem mais ao confronto aberto com as forças repressivas¹⁹. Em terceiro lugar, e alentando a nova estratégia da FORA IX^a, a mudança da estratégia do Estado pelas mãos do governo Hipólito Yrigoyen da *Unión Cívica Radical* (UCR) em reconhecer e dar apoio a algumas organizações operárias e movimentos grevistas²⁰. Em quarto lugar, sendo este primeiro momento da onda de greves dominado pela luta por salário, é notável como havia uma tendência entre os patrões argentinos em não serem absolutamente avessos às reivindicações de caráter econômico²¹.

De janeiro de 1919 a junho 1921: impasse e derrota do movimento grevista

A “Semana Trágica” de 1919 foi um divisor de águas para os trabalhadores, as patronais e também para a atitude do Estado frente aos conflitos entre o capital e o trabalho. A greve geral, cujo estopim foi a repressão policial a um piquete de

¹⁹ Cf. NIKLISON (1919) e BILSKY (1988).

²⁰ Sobre as reais motivações de Yrigoyen, existem autores que defendem ser esta aproximação fruto de seu ideal de “harmonia social”, como LUNA (1954/1985), DEL MAZO (1986), IÑIGO CARRERA (1980), PASSALACQUA (1984). Por outro lado, alguns autores defendem a aproximação como resultado de uma série de cálculos políticos, como ROCK (1997/1977), PUIGGRÓS (1974), PEÑA (1971).

²¹ Ver o artigo de BUNGE, Alejandro, “Las aspiraciones gremiales y los pliegos de condiciones”, *La Prensa*, 23/04/1919, a polémica travada entre o *Departamento Nacional del Trabajo* e alguns membros da *Unión Industrial Argentina* em *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*, N° 39, Outubro de 1918, pp. 5-27, além das posições da *Asociación del Trabajo* em sua *Memoria y balance de la Asociación del Trabajo correspondiente al ejercicio 1919-1920*, Buenos Aires: Imprenta A. de Martino, 1920.

trabalhadores metalúrgicos na fábrica Vasena, foi marcada por constantes e violentos enfrentamentos entre a polícia, exército, trabalhadores e organizações paramilitares²².

Em relação aos trabalhadores, se o massacre promovido pelas forças de segurança com auxílio dos grupos paramilitares teve o intuito de desmobilizar a classe operária, o resultado foi justamente o contrário. A agitação prosseguiu e produziu efeitos contraditórios sobre a FORA IX^a. Por um lado, entre os sindicatos da Capital Federal, podemos observar indícios de uma radicalização política a partir do entusiasmo que a Revolução Russa e Alemã começaram a despertar na imprensa operária e de esquerda e nos diversos questionamentos ao Conselho Federal da FORA IX^a por sua postura cautelosa em relação aos eventos de janeiro de 1919 que chegaram a produzir o desligamento de alguns sindicatos da central²³. Por outro lado, entre os anos de 1919 e 1920 podemos observar o enorme crescimento da federação sindical no interior do país por meio da adesão de sindicatos já existentes e da formação de organizações operárias nas regiões mais remotas do país²⁴. Por mais frágeis que pudessem ser estas organizações, o surgimento destas foi concomitante ao crescimento das greves parciais e gerais no interior do país²⁵.

Já as patronais empreenderam uma dupla movimentação. Por um lado, os mais diversos setores empresariais se moveram no sentido de dirimir seus conflitos internos e unificar suas ações frente ao governo e ao movimento operário. É neste sentido que podemos entender a criação da *Confederación Argentina del Comercio, de la Industria y de la Producción* (CACIP)²⁶, a reforma estatutária da *Unión Industrial Argentina* (UIA) em benefício dos grandes grupos empresariais²⁷ e o incremento de atividades da *Asociación del Trabajo* (AT) entre 1919 e 1920²⁸. Por outro lado, a “Semana Trágica”

²² Cf. BILSKY (1984) e GODIO (1985/1972)

²³ Cf. SANTILLAN (2005/1933), CARBALIN e GIORDANO (1921), pg. 43. Na imprensa operária, ver “El Progreso Culinario y la huelga general: juicios de un irresponsable” e “Un importante manifiesto de los Chauffeurs” e “Una coz: ¿sectarismo o inconciencia?” *LOO*, 08/02/1919; “La separación de la sección ferroviaria Buenos Aires Sud: Informe del delegado del C.F. y replica éste a las calumniosas imputaciones de la asamblea en que se voto la separación”, *LOO*, 15/02/1919; “Los actuales momentos y el divisionismo quintista”, *LOO*, 05/04/1919; “Contra los divisionistas: deben obrar enérgicamente los militantes obreros”, *LOO*, 12/04/1919

²⁴ “Formación de frente único – Sindicatos obreros que se adhirió a la F.O.R.A. en las últimas ocho semanas”, *LOO*, 20/09/1919; “El crecimiento de la F.O.R.A.: Las nuevas fuerzas sindicales que se han incorporado”, *LOO*, 23/03/1920; “Resumen de la Memoria y Balance del Consejo Federal al XI Congreso”, *LOO*, 18-25/12/1920.

²⁵ Sobre a sindicalização dos trabalhadores rurais no período, Cf. SARTELLI (1989).

²⁶ Cf. MARCHESE (2000).

²⁷ Cf. CÚNEO (1984) e SCHVARZER (1991).

²⁸ Cf. RAPALO (2012).

pariu a *Liga Patriótica Argentina* (LPA)²⁹, organização irmã da AT e principal grupo de choque utilizado pelas patronais em conflito com os sindicatos, demonstrando claramente uma posição mais ofensiva por parte dos grupos empresariais.

Em relação ao governo de Hipólito Yrigoyen, a brutal repressão ao movimento operário, além de não diminuir a desconfiança que despertava nos setores conservadores e empresarias por sua aproximação aos sindicatos, marcou o início de seu afastamento paulatino da FORA IX^a e que ficou explícito na exclusão da organização da delegação argentina para o Congresso da OIT em Washington em novembro de 1919.

Maior organização das patronais, afastamento do Estado e divisões internas. Além destes problemas, o pós “Semana Trágica” foi também um momento de mudança de expectativas dos trabalhadores de Buenos Aires de avançar das reivindicações econômicas para as organizacionais, ou seja, após a experiência dos primeiros anos de mobilização, os sindicatos buscavam avançar no sentido de serem reconhecidos como organismos políticos legítimos dos trabalhadores. Entre 1920 e 1921 mais de 270 mil trabalhadores desencadearam 292 greves. Destas greves, 46% foram por motivos organizacionais contra 40% por salários. Mudança de expectativas que se traduziu em uma reversão de resultados: cerca de 77% dos trabalhadores envolvidos em greves foram derrotados.

O impasse no qual se encontrava o movimento operário argentino nos anos de 1920 e 1921 acirrou as disputas internas na direção Sindicalista Revolucionária da FORA IX^a. De um lado, encontravam-se aqueles dirigentes que acreditavam na necessidade de fortalecer o organismo de classes, dotando a organização de uma estrutura mais vigorosa e que consideravam a “neutralidade política” da organização como única linha política capaz de assegurar a defesa contra a ofensiva patronal. De outro, aqueles quadros que viam o impasse no qual se encontrava o movimento como resultado de uma política conciliatória da federação e exigiam a radicalização política por meio da adoção das diretrizes estabelecidas para o movimento sindical desde Moscou pela Internacional Comunista (IC).

A luta iniciada na imprensa operária entre essas duas linhas dominou os debates que antecederam o XIº Congresso da organização entre setembro de 1920 e janeiro de 1921³⁰. O resultado prático desta disputa foi a implosão do Congresso devido

²⁹ Cf. DEUTSCH (2003).

³⁰ Para a polêmica, ver “Una Federación Sindical Internacional Roja? Circular de Zinovieff propiciando la escisión en el movimiento obrero mundial”, *LOO*, 18/09/1920; “Más sobre la circular Zinovieff”, *LOO*,

a luta fratricida entre as duas facções e que não logrou elaborar nenhuma linha clara de ação frente a crescente ofensiva patronal. A conquista do Conselho Federal por parte dos partidários da IC, neste sentido, foi algo meramente formal, principalmente depois da renúncia de cinco conselheiros ligados ao Partido Comunista Argentino (PCA). Para o partido, mais importante que assumir a direção do movimento operário argentino, era o seu reconhecimento por parte da IC como seu membro oficial. Havia certo receio por parte dos comunistas de que o fato de membros do PCA estarem na direção de uma federação operária filiada à Federação Sindical Internacional de Amsterdam (FSI) pudesse dificultar o seu reconhecimento pela IC.

A última e definitiva ofensiva das organizações patronais iniciou-se, portanto, em um momento de desagregação política das organizações operárias argentinas, mas principalmente de seu núcleo dirigente em Buenos Aires³¹. Aproveitando-se do clima de desespero provocado em suas filas pela crise do comércio internacional em 1921, a AT e a LPA, logo secundadas pela polícia e a marinha, aproveitaram-se da paralisia do porto em maio daquele ano provocada por uma greve de estivadores pela disputa da direção do sindicato e desferiram seu último golpe contra a FOM, invadindo sua sede, provocando a militarização do porto e inundando suas instalações e rebocadores de fura-greves trazidos do interior.

Sem poder contar com a força dos marítimos e com os ferroviários procurando costurar um desfecho pacífico com o governo sem a anuência da federação, a FORA IX^a e outros sindicatos de Buenos Aires ainda sofreram um golpe fulminante com a prisão de seus dirigentes após a invasão da polícia de uma assembleia realizada no dia 30 de maio para articular uma resposta conjunta aos eventos ocorridos no porto. Hipólito Yrigoyen, acuado pela ameaça de uma crise de Estado e já afastado da FORA IX^a, rompeu definitivamente com a federação. A greve geral em resposta a ofensiva patronal, declarada pelos poucos militantes que não foram presos durante a assembleia, fracassou em poucos dias.

25/09/1920; “Carta abierta”, *LOO*, 02/10/1920; “Mantengamos la unidad sindical”, *LOO*, 02/10/1920; “A propósito de la circular Zinovieff”, *LOO*, 16/10/1920; “La circular Zinovieff”, *LOO*, 13/11/1920 e ; “La circular Zinovieff – su verdadero significado histórico”, *LOO*, 09/10/1920 e “La circular Zinovieff – su verdadero significado histórico - continuación”, *LOO*, 30/10/1920; “La circular de Zinovieff”, *LOO*, 16/10/1920; “La circular de Zinovieff (continuación)”, *LOO*, 23/10/1920.

³¹ Para os eventos de maio e junho de 1921, além dos diários *La Organización Obrera* e *La Vanguardia*, ver ADELMAN (1993), HOROWITZ (1995), DOESWIJK (1998) e CARUSO (2012).

Conclusão:

A luta política no seio da direção do movimento operário, assim como o recrudescimento das patronais e a viragem de Yrigoyen, de um apoio eventual aos sindicatos a colaboração com as patronais na destruição destes, parecem ter cumprido um papel determinante no fracasso das mobilizações de junho de 1921. Porém, alguns outros fatores devem se somar para melhor esclarecer a derrota da greve geral daquele ano e, por consequência, o fim da onda de greves em Buenos Aires e na Argentina.

Em primeiro lugar, os próprios resultados da onda de greves, aliados aos efeitos da recuperação econômica, podem ter desmobilizado os trabalhadores. Entre 1919 e 1921, o salário industrial real cresceu cerca de 20%, enquanto o índice de preços ao consumidor regrediu em 22%, desarmando as condições explosivas que haviam empurrado a classe operária à mobilização naquele período. Dos mais de 600 mil grevistas que se envolveram em greves entre 1917 e 1921, cerca de 45% destes obtiveram vitórias. Diante do ataque aberto das forças repressivas do Estado e das patronais a partir de 1921, seria possível inferir certa relutância de parte dos trabalhadores de colocar em risco suas frágeis, porém significativas conquistas.

Por fim, com os sindicatos dos transportes ligados à atividade agroexportadora neutralizados, seja pela repressão, seja pela aproximação ao governo, a greve geral de autodefesa de junho de 1921 não pôde prosperar. O enorme crescimento da organização sindical dos trabalhadores do ramo produtivo, um dos principais frutos da onda de greves, não conseguiu romper a dependência destes do apoio brindado pelos sindicatos ligados ao ramo agroexportador, principalmente da FOM. Ou seja, neutralizada a mobilização do sindicato dos marítimos e sem o apoio dos ferroviários, pouca força restava ao restante dos sindicatos para um enfrentamento aberto com as forças do Estado e os grupos de choque patronais. A fragilidade destas agremiações, a despeito de seu vigoroso crescimento durante a onda de greves, guarda relação com a performance do setor industrial no período. Apesar do ótimo desempenho de alguns setores e do processo de centralização de capitais que a indústria sofreu durante o conflito mundial, o impulso por esta recebido passou longe de modificar a estrutura social de acumulação de capital do país. O crescimento da produção industrial durante o conflito foi meramente extensivo e não poderia ter sido diferente, já que uma das grandes limitações do processo de industrialização argentino até então era a insignificância do departamento de produção de bens de capitais no país.

A onda de greves que atingiu a Argentina, fruto da crise revolucionária que se abateu sobre o mundo durante o fim da Primeira Guerra, apesar de sua espetacular dimensão, não chegou a se configurar como um movimento insurrecional dentro de seu espaço nacional. Porém o seu desfecho, com uma vitória aparentemente retumbante das classes dominantes, inaugurou um longo período naquele país caracterizado por um equilíbrio catastrófico³² devido à incapacidade por parte de setores da classe dominante argentina de institucionalizar em algum grau às reivindicações do movimento operário.

³² GRAMSCI (1976/1971), pp. 43-67.

Bibliografia

ADELMAN, Jeremy, "State and Labour in Argentina: The Portworkers of Buenos Aires, 1910-21", *Journal of Latin American Studies*, Vol. 25, No. 1 (Feb., 1993), pp. 73-102

CARUSO, Laura G., *Los trabajadores marítimos del Puerto de Buenos Aires: condiciones laborales, organización sindical y cultura política, 1890-1920*, Tese (Doutorado em História) – Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2012.

CHALKLEY, H.O., "Report on the financial and economic conditions of the Argentine Republic", Departament of Overseas Trade, 1919

BREWSTER SMITH, L. e COLLINGS, Harry T., "The Economic position of Argentina during the war", in *Economic studies of countries during the war*, N° 88, Washington: Government Printing Office, 1920

BILSKY, Edgardo, *La Semana Trágica*, Buenos Aires: CEAL, 1984.

BILSKY, "Esbozo de la historia del movimiento obrero argentino: desde sus orígenes hasta el advenimiento del peronismo", in *Cuadernos Símon Rodríguez*, N° 3, Buenos Aires: Fundación Símon Rodríguez-Editorial Biblos, 1988.

BUNGE, Alejandro, "Movimiento Economico de la República", *Revista de Economía Argentina*, Ano 1, TOMO I, Junho de 1918.

BUNGE, Alejandro, "La inmigración en la Argentina durante la guerra (1914-1918)", *Revista de Economía Argentina*, TOMO II, Junho de 1919.

BUNGE, Alejandro, *Las industrias argentinas durante la Guerra – Investigación preliminary*, mimeo, 1921.

BUNGE, Alejandro, "Movimiento economico de la República", *Revista de Economía Argentina*, TOMO V, Fevereiro de 1922

BUNGE, Alejandro, FERRARI, Ludovico A. e VALLE, Juan Carlos, “Costo de la vida en la Argentina de 1910 a 1919”, *Revista de Economía Argentina*, TOMO IV, Fevereiro de 1920

CARBALIN, Enrique e GIORDANO, Juan B., *Antecedentes historicos: reflexiones que coinciden com el momento actual*, Buenos Aires: Tribuna Proletária, 1921.

CÚNEO, Dardo, *Comportamiento y crisis de la clase empresaria*, Buenos Aires: CEAL, 1984.

DEL MAZO, Gabriel, *La primera presidencia de Yrigoyen*, Buenos Aires: CEAL, 1986

DEUTSCH, Sandra McGee, *Contrarevolución en Argentina, 1900-1932: La Liga Patriótica Argentina*, Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

DI TELLA, Guido e ZYMELMAN, Manuel, *Los ciclos económicos argentinos*, Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973

DORFMAN, Adolfo, *Historia de la industria argentina*, Buenos Aires: Hyspamerica, 1986 (1942).

DOESWIJK, Andreas L., *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rioplatenses*, Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998

GODIO, Julio, *La Semana Trágica de enero de 1919*, Buenos Aires: Hyspamérica, 1985 (1972).

GRAMSCI, Antonio, *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

HOROWITZ, Joel, “Argentina's Failed General Strike of 1921: A Critical Moment in the Radicals' Relations with Unions”, *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 75, No. 1 (Feb.,1995), pp. 57-79

ÍÑIGO CARRERA, Héctor J., *La experiencia radical*, Buenos Aires: Ediciones La Bastilla, 1980.

LUNA, Félix, *Yrigoyen*, Buenos Aires: Hyspamerica, 1985 (1954).

MARCHESE, Silvia M., “Estrategias de las organizaciones empresariales para su participación política”, in *Nueva Historia Argentina: democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*, Tomo VI, org. Ricardo Falcón , Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

NIKLISON, José Elías, “Las organizaciones obreras de Buenos Aires”, *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*, N°41, 1919.

PEÑA, Milciades, *Masas, caudillos y elites: La dependencia argentina de Yrigoyen a Perón*, Buenos Aires: Editores Fichas, 1971

PUIGGRÓS, Rodolfo, *Yrigoyenismo*, Buenos Aires: Corregidor, 1974.

SANTILLAN, Diego Abad , *La F.O.R.A.: ideología y trayectoria*, Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005 (1933)

RAPALO, María Ester, *Patrones y obreros: La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930*, Buenos Aires: Siglo Vientiuno Editores, 2012.

ROCCHI, Fernando, *Chimneys in the desert: Industrialization in Argentina during the export boom years, 1870-1930*, Stanford, Stanford University Press, 2006

ROCK, David, *El Radicalismo argentino, 1890-1930*, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997 (1977).

SARTELLI, Eduardo, “Sindicatos rurales en la Región Pampeana (1900-1922)”, in Arrecife, N° 2, agosto de 1989, versão eletrônica :

<http://www.ultimorecurso.org.ar/drupi/files/Sindicatosregionpampeana.pdf>

SCHVARZER, *Empresarios del pasado: la Unión Industrial Argentina*, Buenos Aires: Imago Mundi, 1991.

Documentos

Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires, 1915-1923, Dirección General de Estadística Municipal, Buenos Aires: 1925.

Boletín del Departamento Nacional del Trabajo (BDNT)

Cronica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo (CMDNT)

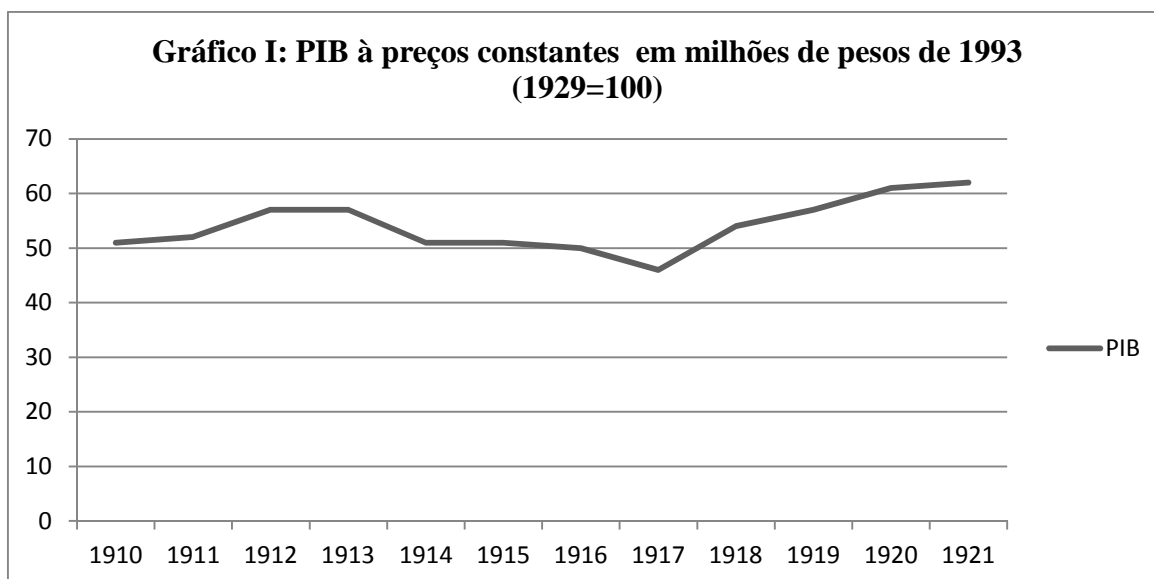
Estadísticas de las huelgas, Buenos Aires: Departamento Nacional del Trabajo, 1940

Memoria y balance de la Asociación del Trabajo correspondiente al ejercicio 1919-1920, Buenos Aires: Imprenta A. de Martino, 1920.

La Organización Obrera

La Vanguardia

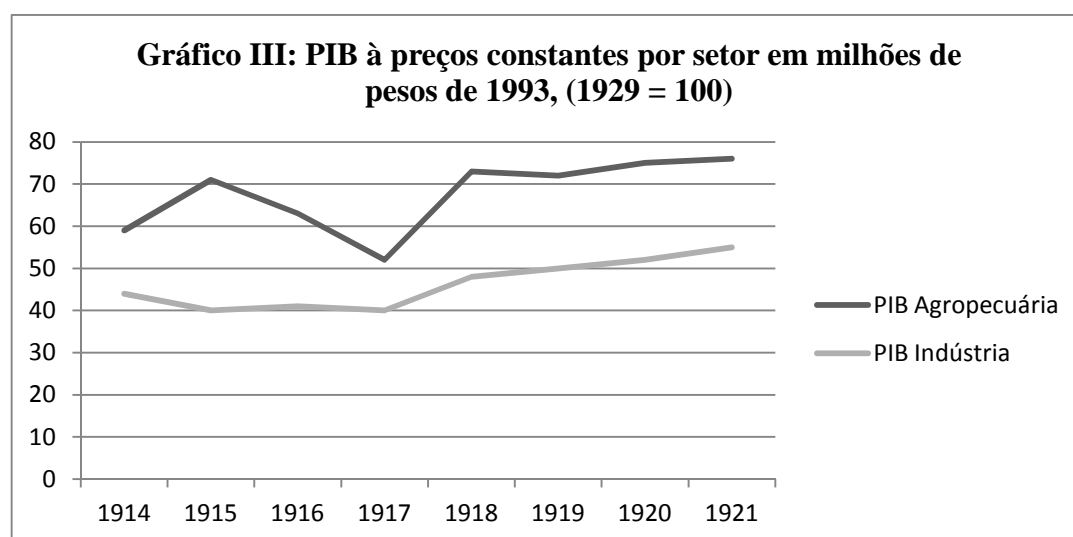
ANEXO



Fonte: CORTES CONDE, Roberto, *Estimaciones del Producto Interno de la Argentina, 1875-1935*, Documento de Trabajo N° 3, 1994 e Comisión Económica para América Latina (CEPAL), *El Desarrollo Económico Argentino* in FERRERES, Orlando J. (Dir.), *Dos Siglos de Economía Argentina*, Buenos Aires: El Ateneo, 2010, pg. 305



Fonte: Dirección Nacional de Estadísticas y Censos (DNEC), Boletín N°235, in FERRERES, Orlando J. (Dir.), op. Cit., pp. 692-694



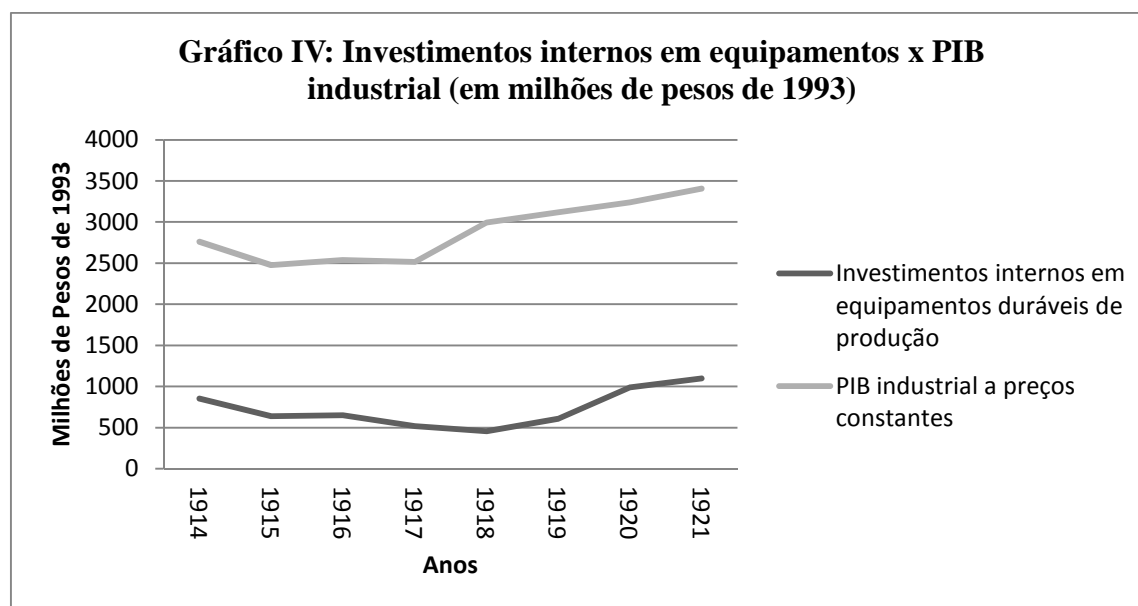
Fonte: CEPAL, *El desarrollo económico argentino*, 1958 in FERRERES, Orlando J. (Dir.), op. Cit., pp. 308-309

Tabela 1: Importações de bens de capitalização e reprodução em pesos ouro (1910 = 100)

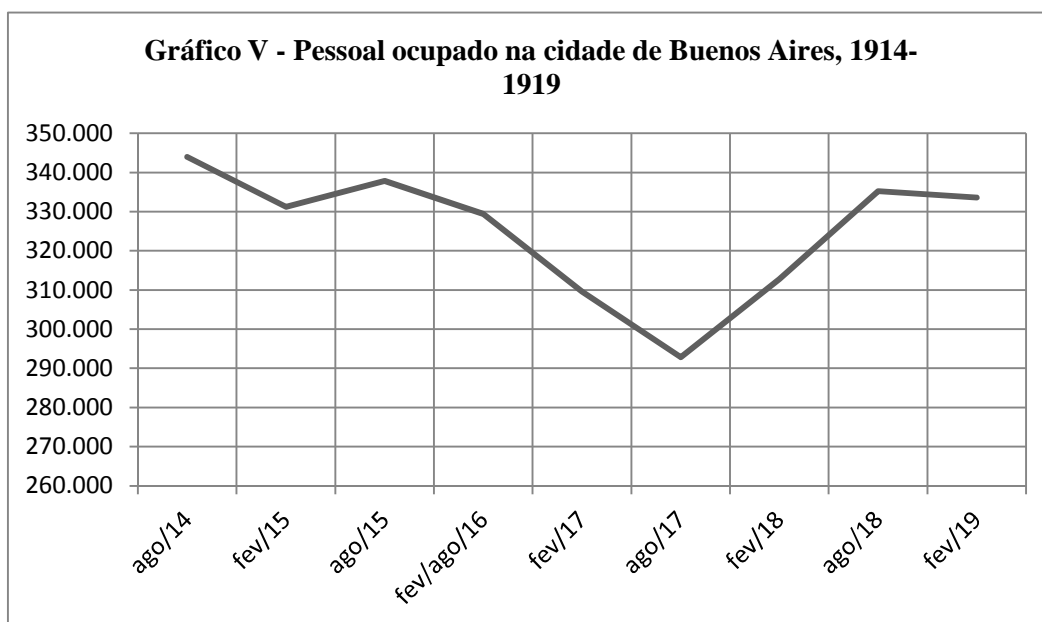
	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923
A	69,2	19	17,9	15,5	11,3	26,3	41,2	55,1	79,43	49,3
B	70,5	37,4	32,3	24,7	18,7	34,1	44,1	69,2	47	83,3
C	39,6	39,9	47	23,7	38,8	55,4	72,5	78	53,5	108,2
D	49,4	35	26,3	13,8	12,8	22,6	40	35,1	48,9	61,3
E	59,4	30,25	25,5	22,5	18,7	34,6	83,1	85,8	67,24	66,9
F	81,2	35,8	8,1	4,6	3	6,8	22,5	18,6	41,5	36,5
Total	59,2	30,8	24,7	15,9	14,8	27,2	45,3	49,8	58,5	62,3

A) Locomoção (trilhos, locomotivas, vagões de trem e materiais para bondes); **B) Eletricidade** (fios e cabos para condução de eletricidade, dínamos, medidores, acessórios e outros); **C) Agricultura** (Máquinas e implementos agrícolas, arame para cercas, etc.); **D) Construção** (areia, madeiras, mármore, cimento, etc.); **E) máquinas em geral**; **F) Ferros e outros metais** (colunas, vigas, canos de cobre e bronze, etc.).

Fonte: Anuario Estadístico de la República Argentina, 1921-1923, pp. XXXII-XLI.



Fonte: CORTES CONDE, Roberto, *Estimaciones del Producto Interno de la Argentina, 1875-1935*, Documento de Trabajo N° 3, 1994 e Comisión Económica para América Latina (CEPAL), *El Desarrollo Económico Argentino* in FERRERES, Orlando J. (Dir.), op. Cit., pg. 299 e 309.



Fonte: *Cronica Mensual del Departamento del Trabajo* (CMNT), Nº 40, Abril de 1921, pg. 651

Tabela 2. Índice de preços ao consumidor, ano base 1910

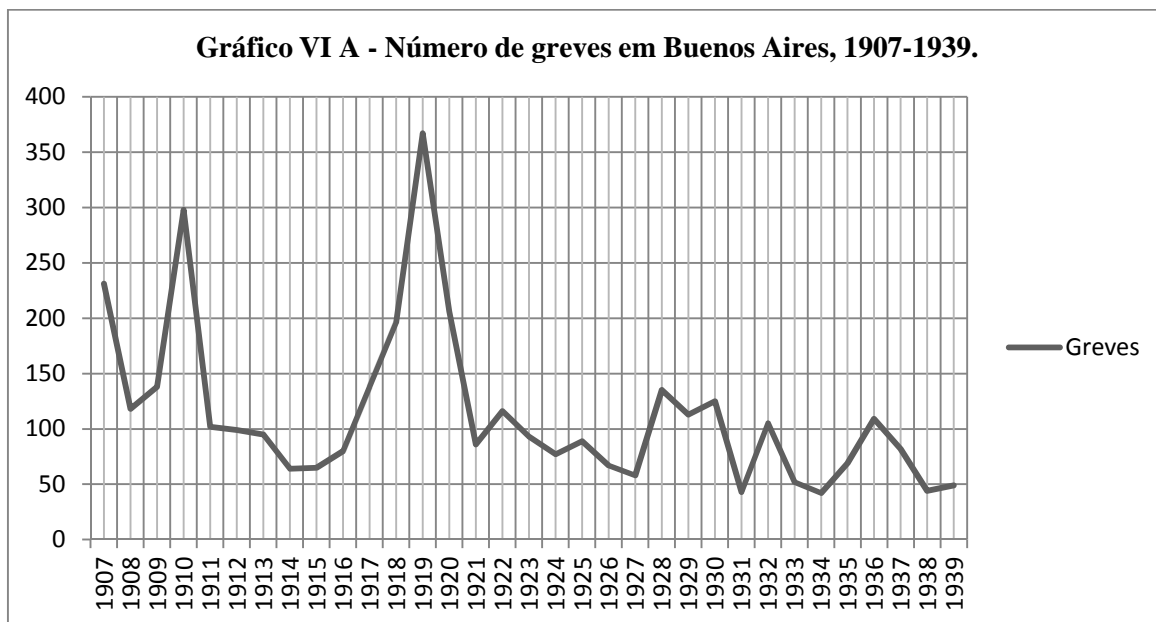
Ano	IPC (1910=100)
1914	105
1915	114
1916	122
1917	143
1918	180
1919	169
1920	198
1921	176

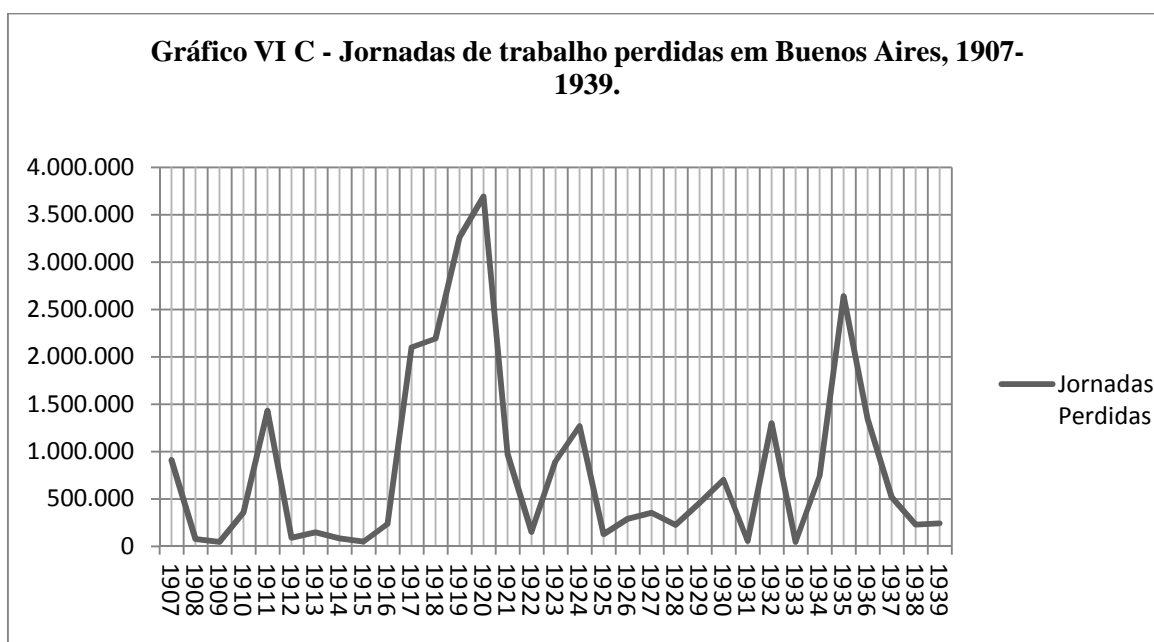
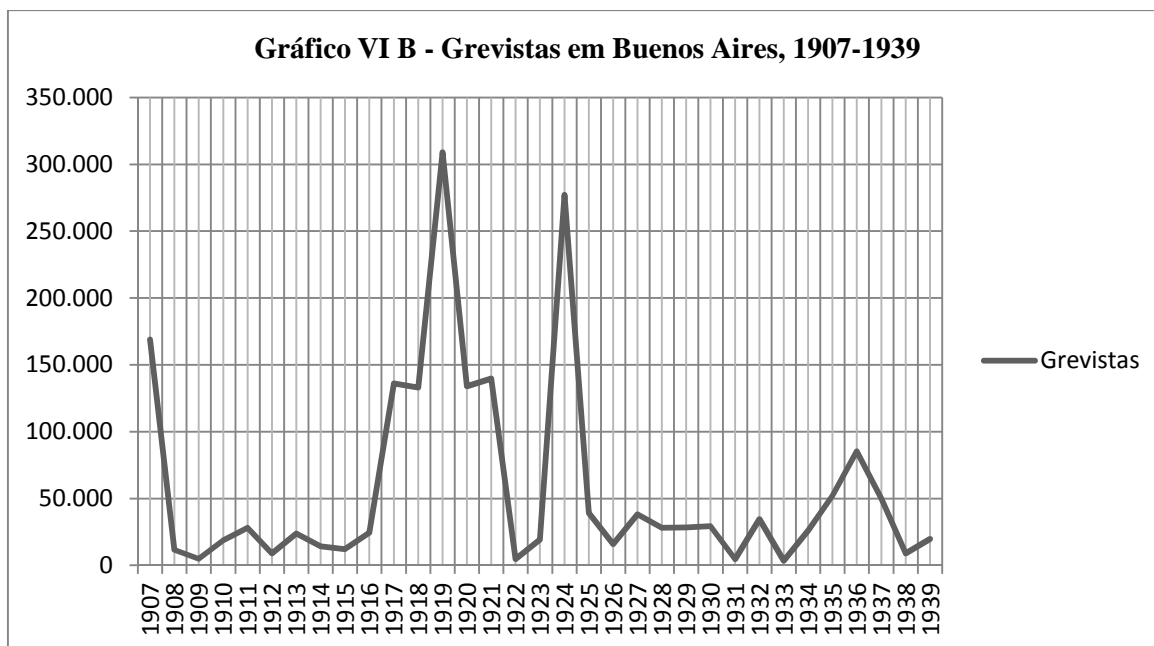
Fonte: Boletín Informativo TECHINT, Nº 223 e Anuario Geografico Argentino, 1941, in FERRERES, Orlando J. (Dir.), op. Cit., pp. 563-564.

Tabela 3: Salário industrial real

Salário Industrial real em Pesos de 2004 (1910 = 100)								
	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921
Índice Ferreres	117	105	98	84	72	98	101	125
Índice IñigoCarrera	91	81	76	65	56	76	79	97

Fonte: **Índice Ferreres:** Salário nominal retirado de CORTES CONDE, Roberto, “Tendencia de la evolucion de los saláries reales en Argentina, 1880-1910. Resultados preliminares”, *Económica*, Nº 2-3, Maio dezembro de 1976 e Síntesis Estadísticas de la República Argentina, e deflacionado pelo IPC in FERRERES, Orlando J. (Dir.), op. Cit., pg. 581. **Índice Iñigo Carrera:** Índice de saláries para varões adultos registrados na Capital Federal, Dirección de Estadística Social, “Investigaciones Sociales 1943-1945”, pg. 258, elaborados e deflacionados in IÑIGO CARRERA, Juan, *La Formación Económica de la Sociedad Argentina: Renta agraria, ganancia industrial y deuda externa. 1882-2004*, Vol. I, Buenos Aires: Imago Mundi, 2007, pg. 142





Para elaboração dos gráficos, foram consultados: *Cronica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo* (Nº19, Vol. II, Julho de 1919, pp. 290-294; Nº 20, Vol. II, Agosto de 1919, pp. 305-310; Nº 29, Vol. III, Maio de 1920, pp. 457-462; Nº 53, Vol. V, Maio de 1922, pp. 861-866; Nº 88, Vol. VIII, Abril de 1925, pp. 1564-1566; Nº 127, Vol. XI, Setembro de 1928, pp. 2505-2510), “Anuario Estadístico del Departamento Nacional del Trabajo: Año 1914”, *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*, Buenos

Aires: D.N.T., N° 33, Vol. X, Janeiro de 1916, pp. 5-316 e *Estadísticas de las huelgas*,
Buenos Aires: DNT, 1940

Tabela 4.A. FORA IX^a

Ano	Meses	Total de cotistas por ano	Média mensal de filiados	Número de sindicatos filiados
1915	05 a 12	21.332	2.667	51
1916	01 a 12	41.124	3.427	70
1917	01 a 12	158.796	13.233	199
1918	01 a 12	428.713	35.726	350
1919	01 a 12	476.203	39.683	530
1920	01 a 11	749.519	68.138	734
1921	01 a 11	644.999	53.570	s/d

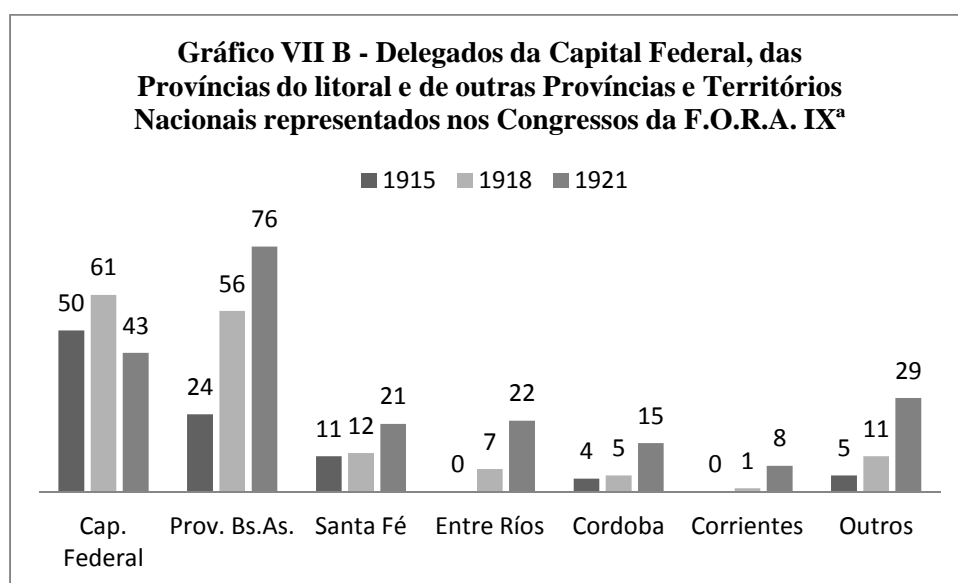
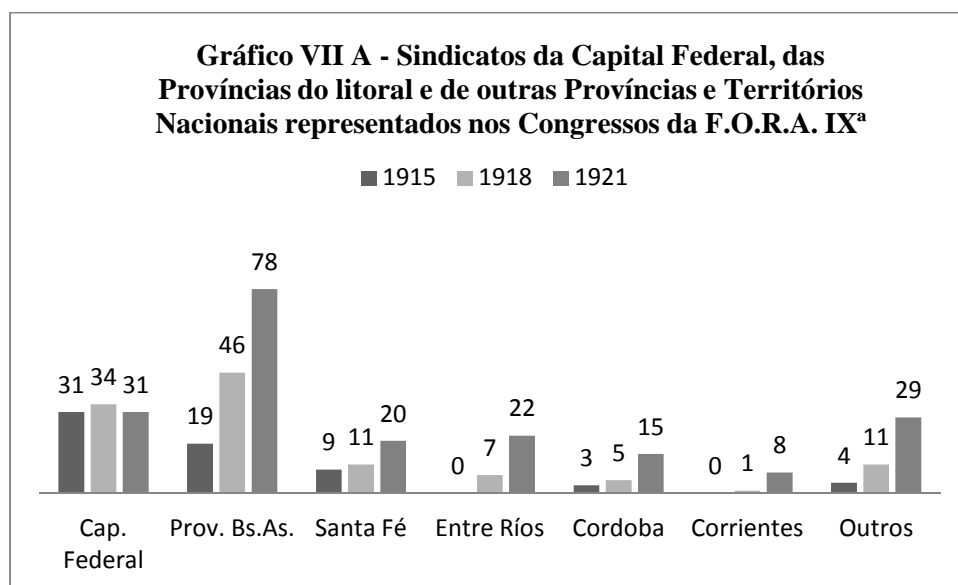
Tabela 4.B. FOLB (FORA V°)

Ano	Mês	Cotas recebidas (em pesos)	Cotistas
1918	Fevereiro	128,05	2.561
	Março	179	3.580
	Abril	106,02	2.120
	Maio	115	2.300
	Junho	212,5	4.250
1920	Agosto	854,85	17.097
	Setembro	984,75	19.698
	Outubro	1.473,55	28.011
	Dezembro	851,9	16.896

Tabela 4.C: La Fraternidad

Ano	Filiados	Capital social (em pesos)
1897	mais de 1000	5.891,05
1899	711	Sem dados
1904	2.555	83.337,78
1910	6.274	132.000,00
1920	19.000	138.000,00

Fonte: BILSKY, *La Semana*, pp. 24-30. Para complementar os dados de Bilsky sobre cotistas e sindicatos filiados a F.O.R.A. IXª em 1921, ver *La Organización Obrera*, 05/05/1922.



Fonte: Todas as informações relativas aos sindicatos e delegados participantes dos três Congressos da F.O.R.A. IX^a foram retiradas de: SANTILLAN, Diego Abad, *La*

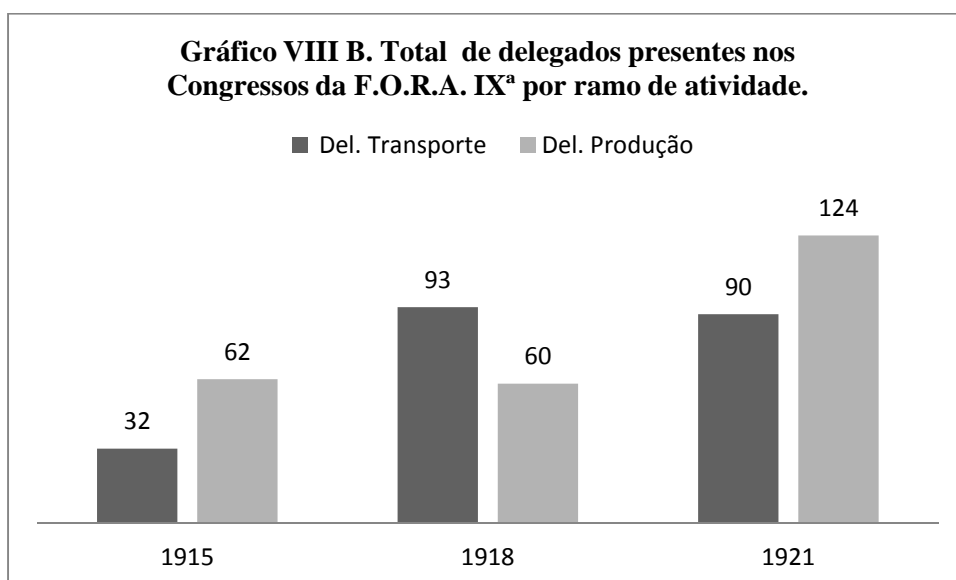
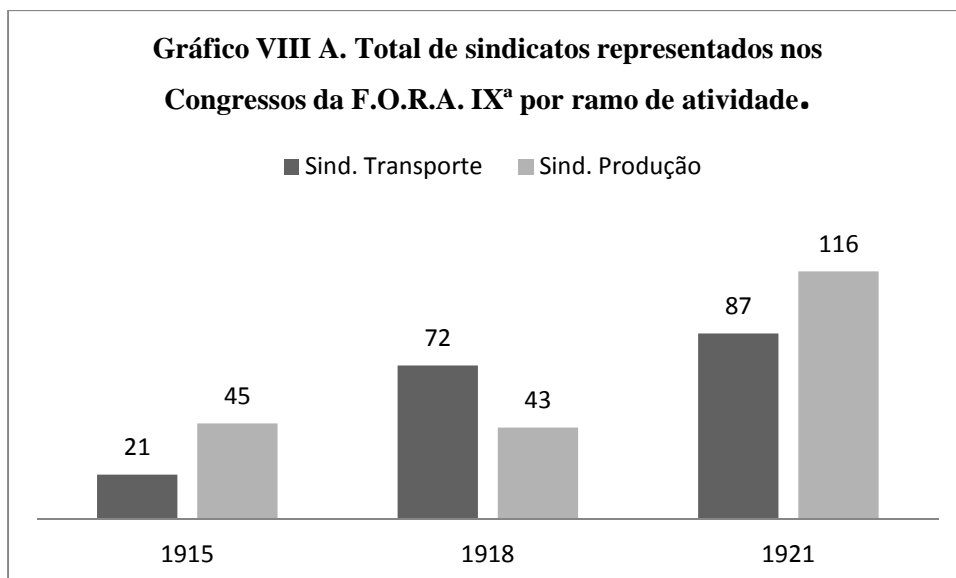
F.O.R.A.: ideologia y trayectoria, Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005 (1933); NIKLISON, José Elías, “Las organizaciones Obreras de Buenos Aires”, in *BNDT*, Nº41, 1919; *La Organización Obrera*, 04/01/1919 e 12/02/1921. Deve-se notar que ao Congresso Extraordinário ocorrido no fim de junho de 1919 concorreram 255 delegados de 155 sindicatos. Porém, estiveram presentes ali diversos sindicatos não filiados a F.O.R.A. IX^a.

Tabela 5.

Indústrias	1916		1917		1918	
	Greves	Grevistas	Greves	Grevistas	Greves	Grevistas
Alojamento e Comida	4	2.901	8	1.308	16	3.515
Química						
Têxtil	3	120	2	368	3	367
Vestido	25	838	17	618	40	33.249
Madeira	17	3.375	13	2.613	30	5.329
Papel e imprensa	3	447	8	634	8	408
Metalúrgica	4	114	15	4.083	23	4.422
Máquinas e aparelhos	-	-	-	-	-	-
Vidro, gesso e terra	1	18	-	-	-	-
Construção	6	432	9	2.498	18	11.677
Transportes	7	4.527	27	100.284	38	36.704
Couros	-	-	19	6.139	6	345
Diversas	10	11.549	20	17.517	14	37.026
Total	80	24.321	138	136.062	196	133.042
Indústrias	1919		1920		1921	
	Greves	Grevistas	Greves	Grevistas	Greves	Grevistas
Alojamento e Comida	46	11.657	37	8.525	17	8.367

Química	13	2.448	3	1.190	-	-
Têxtil	24	5.788	6	805	1	26
Vestido	78	47.971	51	4.527	20	13.211
Madeira	30	8.016	24	4.476	7	565
Papel e imprensa	18	6.736	5	262	6	411
Metalúrgica	48	19.167	30	5.483	10	710
Máquinas e aparelhos	-	-	-	-	-	-
Vidro, gesso e terra	-	-	-	-	-	-
Construção	20	5.818	15	10.473	3	10.581
Transportes	48	36.895	24	46.258	16	55.639
Couros	7	2.078	3	166	-	-
Diversas	35	162.393	8	51.850	6	50.304
Total	367	308.967	206	134.015	86	139.814

Fonte: CMDNT: Ano VIII, Nº 89, Abril de 1925, pp. 1564-1566.



Fonte: Todas as informações relativas aos sindicatos e delegados participantes dos três Congressos da F.O.R.A. IX^a foram retiradas de: SANTILLAN, Diego Abad, *La F.O.R.A.: ideologia y trayectoria*, Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005 (1933); NIKLISON, José Elías, “Las organizaciones Obreras de Buenos Aires”, in *BNDT*, N°41, 1919; *La Organización Obrera*, 04/01/1919 e 12/02/1921. Deve-se notar que ao Congresso Extraordinário ocorrido no fim de junho de 1919 concorreram 255 delegados de 155 sindicatos. Porém, estiveram presentes ali diversos sindicatos não filiados a F.O.R.A. IX^a.